

MILHO

Estoques podem ser menores do que o previsto

Tânia Tozzi*

A DISPARADA de preços do milho no Brasil já em meados de outubro, num momento de fundamentos positivos bastante escassos, me faz questionar se o volume de grão estocado hoje no País é de fato tão elevado quanto diz o Governo.

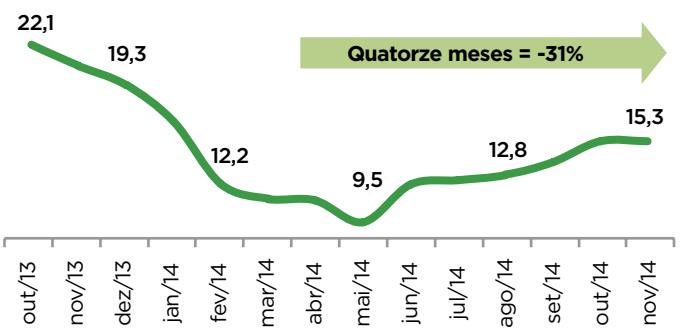
O mercado interno não tem balizamento internacional, sendo pouco influenciado pela movimentação da Bolsa de Chicago, como também acontece com a soja. É a lei da oferta e da procura que determina o rumo dos negócios. E é justamente isso que vem ampliando as dúvidas do setor produtivo, consumidor e exportador.

Pelas projeções da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), o Brasil fechará a atual safra 2013/14, em janeiro do próximo ano, com 15,26 milhões de toneladas de milho em reserva, o maior nível da história, garantindo o consumo interno por 102 dias, ou seja, mais de três meses.

Isso sugere que existe, hoje, no País, uma "montanha" de milho estocada, capaz de suprir toda a demanda interna e externa, com sobra. Mas, então, por que os preços dispararam?

A elevação do dólar, a valorização dos preços internacionais e o aquecimento das exportações podem justificar as altas, mas apenas em parte. Os embarques de milho ao exterior aumentaram, sim, a partir de outubro, como sempre acontece, mas continuam nos menores níveis em três anos. Ou seja, não mostram incremento tão forte a ponto de assustar as *tradings*, que há muito não corriam atrás de milho como se tem visto nos últimos tempos.

BRASIL: PREVISÃO DE ESTOQUES DE MILHO PARA A SAFRA 2013/14 – DE OUTUBRO DE 2013 A NOVEMBRO DE 2014 (MILHÕES DE TONELADAS)



Fonte: Rural Business/Conab

Muitos dizem que o plantio escasso de verão e o atraso na semeadura da soja são dois pontos de destaque para também justificar o aumento dos preços. Concordo que a janela estreita de cultivo para a safrinha pode, sim, prejudicar a produção, mas acredito que ainda é muito cedo para afirmar que é isso que vem pressionando as cotações para cima.

Se o milho continuar subindo de preço, muito produtor que já tinha pensado em sair da atividade voltará com força para o mercado, aumentando a área e compensado boa parte da queda de produtividade. Basta o clima ajudar.

Diante de tudo isso, só uma coisa justifica a curva altista vivenciada neste final de 2014: muito do milho que a Conab diz que o Brasil tem só existe no papel! Milho e inflação andam de mãos dadas. Não seria surpresa ver o Governo mexendo nos números para equilibrar o mercado e evitar pressão inflacionária no Brasil.

Estudo exclusivo feito pela equipe de grãos da Rural Business revela que as distorções no balanço de oferta e demanda da Conab são sempre extremamente expressivas.

Na temporada 2008/09, os estoques de milho do Brasil foram reduzidos em 44,4%, desabando de 12,80 milhões de toneladas para 7,11 milhões. No ano seguinte (2009/10), a queda chegou a 41%, subindo para 43% em 2010/11.

Em 2011/12, o erro foi ainda maior, de 47,4%. Mas, o grande destaque mesmo foi a última temporada, de 2012/13, quando as reservas foram cortadas pela metade (53,3%), tombando de 17,68 milhões de toneladas para 8,26 milhões, pegando o mercado no contrapé.

E tudo indica que isso vai acontecer novamente na safra atual, de 2013/14, marcada por uma tremenda falta de consenso nos números. Em outubro do ano passado, a Conab mostrava estoques de mais de 22 milhões de toneladas de milho para o País; em maio de 2014, refez as contas e promoveu um corte de 57,2%, derrubando a indicação para 9,47 milhões de toneladas.

Apenas um mês depois, voltou atrás e aumentou em 28,5% o volume, para 12,17 milhões de toneladas e, agora, já diz que serão 15,26 milhões de toneladas. Parece até piada. Mas, é real!

O mercado do milho era visto como um mercadinho da "mão para boca" até bem pouco tempo atrás, totalmente manipulado pela indústria e pelo Governo. E parece que alguns ranços ainda sobrevivem e precisam ser cortados pela raiz. É preciso que o mercado – sobretudo os produtores – exija explicações do Governo, caso fique comprovado o tremendo "equívoco". ■

* Analista chefe estrategista de mercado de grãos da Rural Business